

PIM * PAM * PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

SUPLEMENTO IMPARTIL DO JORNAL
"O SÉCULO"

DE SANTA-RITA

O ROCHEDO E A PEDREIRA

Era cheia de lajedo aquela serra altaneira. Tinha no cimo um rochedo, no sopé, uma pedreira.

Sua magestosa fronte que no rochedo se erguia, dominava o horizonte, de tóda a parte se via.

Só a águia ali poisava, às vezes, a descansar. Ao pico ninguém chegava.... Não se podia escalar.

Encarrapitado no alto, logo que lhe dava o sol, o rochedo de basalto brilhava como um farol.

Adorava-o a floresta, era o rei da penedia e o rio sentia-se em festa quando em si o reflectia.

Ti'Raimundo arrependido

NUMA pequena aldeia do Ribatejo, viviam dois lavradores ricos, mas de feitios totalmente diferentes:

O ti-Cipriano era generoso e esmoler. O ti-Raimundo, muito avarento, a ninguém dava uma esmola. Trabalhava de sol a sol, sem descanso, fazendo, êle só, o trabalho de dois ou três homens. Era amigo da mulher e do filho. Mas... amigo a seu modo!...

Andavam descalços ou esfarapados? Que importava?!... Contanto que o dinheiro se não gastasse!...

Ao almoço e ao jantar comia-se apenas um caldinho de

isso? Que lhe preste! Êle se arrependerá!...

A mulher não se atreveu a insistir. Para quê? Ela sabia bem que o seu Raimundo era tão teimoso que, em resolvendo uma coisa, ninguém seria capaz de o demover!...

Os anos foram passando. O Zé não aprendeu a lèr, mas, de enxada na mão, era um portento.

O Quim do ti-Cipriano, por seu turno, fizera os exames de instrução primária. O pai resolveu, então, a conselho do professor, meter o rapaz numa escola agrícola.

Foi o fim do mundo! Quando na aldeia constou

avós. Lavramos, arroteamos, podamos, cavamos, porque nos ensinaram a fazê-lo. Mas somos incapazes de obrigar um terreno mau a ser bom, de curar uma árvore doente!...

— «Ah! Ah! Ah!» — riu irónicamente o ti-Raimundo. — «Antão» o teu Quim vai estudar p'ra «doitor» da terra!... Essa é de primeiríssima!... Ora, amigo! Valia mais que guardasses o dinheirinho que tanto te custou a ganhar, em vez de lres atirá-lo a rua!...

Ti-Cipriano formalizou-se: — «Cada qual sabe o que lhe convém. E assim como eu não meto o nariz nas vidas alheias, também não gosto que o metam na minha!...



couves mal temperado e um naco de pão de milho?

Ora!... O importante era encher o estômago!...

O certo é que, com êste sistema de vida, as notas se iam acumulando num cofre que êle próprio fabricara e do qual só êle tinha a chave.

Quando o Zé, o filho, chegou à idade de aprender, a mulher lembrou-se de o mandar à escola. Mas o ti-Raimundo opôs-se terminantemente:

— «Estás doida, mulher!... Eu não quero «doitores» cá em casa. O que tenho, para êle é. Não o come num ano, nem em dois. Portanto, para que diacho precisa o cachopo de saber lèr nos livros? Basta-lhe saber pegar na enxada!...

— «Mas o vizinho Cipriano mandou o filho...»

— «E que temos nós com

que o Quim ia para a escola agrícola, o ti-Raimundo correu a casa do vizinho:

— «O Cipriano! Dizem aí que o teu cachopo vai p'ra «doitor!...» Isso é verdade, homem?»

— «Nál! — respondeu, risonho, o ti-Cipriano — Val «sòmentes» aprender a cuidar bem do que um dia será seu...»

— «E p'ra isso, p'ra lhe ensinar essas artes, torna-se preciso mandá-lo a escola? Tu já não chegas p'ra mestre? Pois «antão», ensino-o eu e não te levo nada pela ensinança!...

— «Nem tu nem eu servimos para mestres, Raimundo, porque nada sabemos!...

— «Essa agora?»

— «E' assim mesmo! Que sabes tu ou que sei eu do cultivo de terras? Hein? O mesmo que sabiam os nossos pais e

Mais alguns anos decorreram. O Quim, terminado o seu curso, regressou à casa paterna. E no casal do ti-Cipriano começaram a surgir as inovações. Máquinas modernas e económicas, novos processos de plantar, outras culturas...

E de todas as experiências, o casal saía enriquecido. Produzia agora mais e melhor. Ao pé das terras do ti-Cipriano, as do ti-Raimundo pareciam miseráveis, definhadas...

O casal do primeiro dava as melhores hortaliças, os legumes mais saborosos, a fruta mais sã, o trigo, o centeio, o milho mais abundantes.

Tudo isto enchia de pasmo e inveja a alma do ti-Rai-



Só a pedreira, coitada, por baixinha se encontrar era muito maltratada, todos a vinham roubar.

A pedra que lhe arrancavam, depois de ser bem partida, na estrada nova a deitavam tóda calcada e batida.

E, quando, já triturada, olhava o alto rochedo, a pobre pedra da estrada ia dizendo em segrêdo:

Há vidas bem dolorosas, há tão diversos caminhos, Porque é que uns colhem as rosas e outros colhem os espinhos?

Laura Chaves:

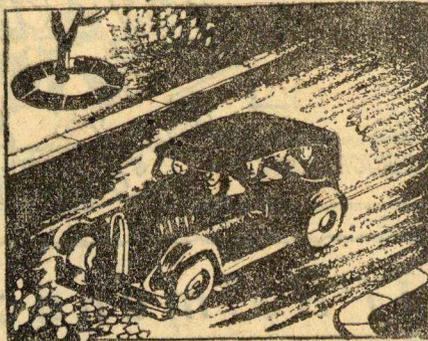
..... mundo. No seu desespero, o lavrador increpava o filho:

(Continua na página 3)



FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



Acabando por se convencer que a pequena lhe falava verdade, o polícia decidiu, então, dirigir-se ao telefone mais próximo, pedindo ligação para a esquadra. Patachoca rejubi-lava! Conseguira, enfim, o tão desejado auxilio. Mas a pouca sorte parecia não a querer abandonar, pois em virtude de qualquer pequena avaria ou defeito de ligação, o guarda



não conseguiu comunicar com os seus superiores. O facto, longe de o desanimar, começava a forçá-lo a tomar maior interesse pelo caso. Já pouco calmo, começou a bater com o descanzo do auscultador, a fim de chamar a atenção da empregada punha-o em contacto com o chefe da polícia



que prometeu ao seu subordinados, atravessava veementemente as ruas da cidade, agudo da sua sereia, um dos automóveis da corporação polici- Em breve chegava ao local



indicado pelo guarda que atendera Patachoca e logo, saltando, lestos, os seus ocupantes tomaram disposições para cercarem eficazmente a casa abandonada, a fim de que nenhum dos bandidos se pudesse escapar. Enquanto isto sucedia, o chefe que comandava o destacamento, tomou a direcção do ataque, dirigindo-se resolutamente para a casa, seguido por alguns dos seus agentes. Indiferente ao perigo, Patachoca incorporou-se imediatamente no grupo e com êle deu,

(Continua na página 7)

O PASSARINHO MISTERIOSO

Por MARIA DE ALPIARÇA

Meus queridos meninos: Este caso passou-se há anos, com um rapazinho muito estudioso.

Fernando José era aluno do quinto ano do liceu, e era natural de Santarém. Habitava na avenida das Portas do Sol, numa casinha moderna, rodeada dum pequeno jardim, que a tornava encantadora.

Dali, avista-se a fita larga do Tejo, Alpiarça e Almeirim, guardas avançadas da famosa Scalábis, formosa «princesa moirisca» alcandorada no alto da colina.

Fernando José, em dias de verão, costumava fazer seu gabinete de estudo num caramachão de glicínias, que deixava para as trazeiras. Ali passava longas horas de devaneio, a pensar na vida académica de Coimbra, que já não vinha longe, e na qual o pai tantas vezes lhe falava.

Naqueles momentos de sono, visionava-se no choupal, de capa ao ombro, muito alegre e sonhador, ouvindo o canto dos rouxinóis e as alegres guitarradas.

Fantasiava um barquito veleiro sobre as águas mansas do Mondego, da qual ele era o timoneiro.

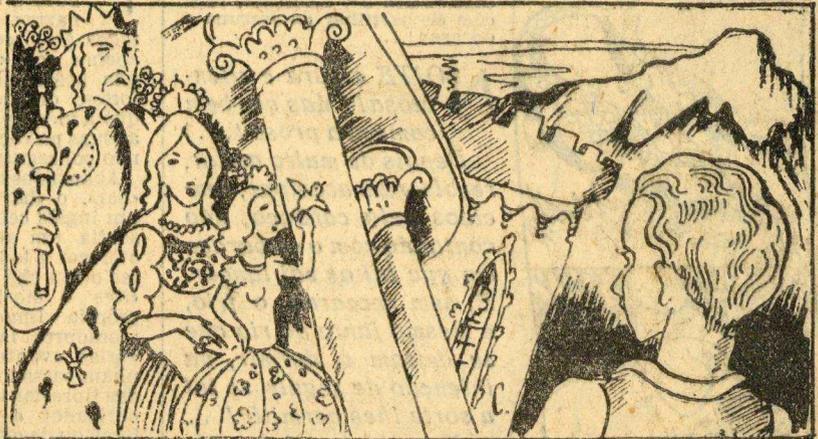
Pensava no Penedo da Saudade, e no belo panorama que lhe fica em frente, tão bordado a matiz, enlêvo de quem o vê.

Muitas noites, quando acordava, punha-se a pensar que gostaria de viver numa alegre «república», e passar ali longas noites de estudo, a malteada, não sofreria alteração: isso não! Isso lhes jurava ele. Uma tarde, foi sentar-se no velho caramachão, como era que o estudante, enlevado, seu cos-foi seguindo a avezinha.

ros, quando as tesouras, bem afiadas, cortam belas cabeleiras e uns bocadinhos de capas, acabadas de estrear.

A sua cabeça, bem pen-

espreitar por uma abertura do caramachão, vendo uma avezinha, de cores variegadas, a saltitar de ramo em ramo. Era tão suave a har-



monia entoada pela ave canora, tão divinos os acordes daquela música desconhecida, que o estudante, enlevado, seu cos-foi seguindo a avezinha.

Esta, sempre a cantar, desceu a barreira em pequenos vãos, dirigindo-se ao Alfange; dali foi voando, foi voando por montes e vales, seguida pelo estudante. Os dias seguiram-se às noites, até que Fernando José se encontrou no meio duma floresta desconhecida, sem cansaço, a pesar da longa caminhada.

Muito adiante, encontrou uma floresta de prata, tendo ao centro um palácio magnífico.

— «O que seria aquilo?» — perguntava ele a si próprio, maravilhado com aquela grandeza arquitectónica.

Não tardou que o soubesse: A breve trecho, viu-se rodeado de laçaios de líbré, que mansinho, foi

(Continua na página 6)

TI-RAIMUNDO ARREPENDIDO (Continuado da página 1)

— «Grande ralaço! Não ganhas o pão que comes!... Olha o Quim!... O que éle conseguiu fazer do casal do pai!...»

O Zé, muito humilde, retorquiu:

— «Eu não sou ralaço, pai. Mato-me a trabalhar!... A culpa não é minha, se as terras não dão mais!...»

Até que, um dia, cansado e desgostoso, com as palavras injustas do pai, não pôde conter-se mais e desabafou:

— «Se vocemecê tivesse feito como o ti-Cipriano, a estas

horas as suas terras seriam tão boas ou melhores que as dele. Mas... vocemecê preferiu guardar as notas, a gastá-las com a minha educação... Ai tem os resultados!...»

O ti-Raimundo estava arrependido da sua estupidez. Mas o Zé era esperto e tinha vontade de ser alguém. E como nunca é tarde para aprender, as notas do lavrador saíram do cofre e foram ajudar o rapaz a alcançar alguma sabedoria.

E agora o Zé, já casado, tem filhos. E o velho ti-Raimundo gosta de chamar os cachopos e entretém-se a contar-lhes esta história, que eles sabem de cor e saltuada, rematando assim:

— «E agora já vocemecê sabem porque o casal do ti-Cipriano é maior e melhor do que o meu. E que éle é muito mais esperto do que o vosso avô, que, durante anos e anos, teve os olhos fechados. O ti-Cipriano, em vez de guardar as notas, pô-las a juros no corpo do filho. Como as notas

não tem raízes, guardadas não rendem nada. Ao passo que a sabaença é uma árvore bendita, que produz sempre bons frutos!...»

LEONOR DE CAMPOS

PENSAMENTOS

A doutrina do homem conhece-se pela paciência; e a sua glória é passar por cima das injúrias a éle feitas.

★
Ao filho que não é sincero, nada lhe sairá bem.

SERAPIÃO TRAPALHÃO EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do número anterior)

2.º EPISODIO

Resumo do anterior, (a toda a força e vapor): sem olhar a despesas, vai em busca de riquezas, embrenhando-se no sertão o Serapião e, para não proceder às cegas, convida o Lucas Piégas, cabeleireiro em Xabregas, para com ele partilhar da fortuna e do azar!...

NOITE escura e silenciosa! (Mas que bem começa a prosa!...)

Depois de muito andar, resolveram acampar, vencidos pelo cansaço, não contando com o embaraço em que tal os vai lançar. E, sem recearem o frio, é mesmo junto do rio que se deitam a dormir, se tal a sorte lhes permitir!...

Mas, nisto, dois crocodilos dispõem-se a engul-los e o bom do elefante, sem esperar um instante (acreditem no que digo) zás!..., fá-los num fijo, com as patas de diante.

Acordam sobressaltados e, atnda estremunhados, concordam em que a situação só lhes permite uma solução: abandonar o local para evitar maior mal!

Com tal decisão tomada, metem-se a nova caminhada, dispostos a procurar um sítio onde passar uma noite descansada.

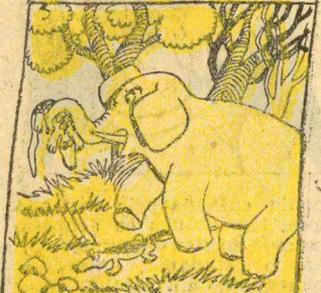
Mas a sorte malfazeja, aos nossos amigos deseja novas comoções sem par!

Embrenham-se na floresta e, devido á escuridão, batem ambos, com a festa, na caverna dum leão que, sem mais estas ou aquelas, se lhes atira às cadelas, com ganas de comilão.

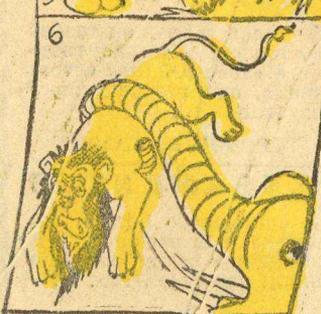
É ainda o paquiderme quem lhes salva a epiderme, empurrando com o trombil o leão para o



2



5



6

UM GORILA

= POR JORGE

FOI no Cabo, entre duas chávenas de chá, que eu ouvi a história que vou narrar. Eramos quatro, todos antigos exploradores, apenas com excepção da minha pessoa, homens rudes e fortes, dotados duma saúde que a vida da selva, com tôdas as suas privações e sacrifícios, não conseguira abalar.

Abancados a uma mesa dum «bar», o «bar» de «Sir» John, um inglês cem por cento, que sentia um secreto gôsto em oferecer a todos os compatriotas o seu chá das cinco, o seu «five ó clock tea» na sua própria língua, os três exploradores iam contando as várias aventuras por que tinham passado quando, através das florestas tropicais, se viam obrigados a defender-se das feras ou de outros perigos que, constantemente, surgiam.

Discutiram-se caçadas, apreciaram-se caracteres e, por último, «Sir» Richard, o mais velho de todos e, talvez por isso mesmo, o que melhor conhecia os segredos da vida africana, abordou um assunto que nos interessou vivamente. Tratava-se de avaliar o grau de inteligência de certos animais e, em especial, a do gorila que, naturalmente por ser o animal que mais se assem-

— «O caso passou-se há alguns anos há bastantes anos mesmo começou o velho explorador. Eu percorria então o Congo Belga, na faina da caça e, devendo dizer, possuía já uma coleção de peles que, sem serem d'um valor incalculável, correspondiam, no entanto, ao esforço às emoções porque passava para as obter.

Como era a primeira vez que me internava nessas florestas tive necessidade de arranjar



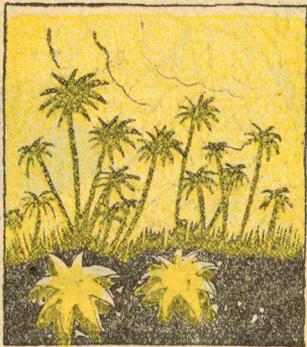
um guia, um homem chamado Henry e que um amigo meu funcionário em Leopoldville, me indicou como sendo d'absoluta confiança e bastante conhecedor da região.

Eu, não sei bem porquê, comecei desde logo a antipatizar com êle. Tinha uma maneira de olhar que me parecia falsa e o rosto, de linhas irregulares e marcado por uma cicatriz que ia da orelha à boca, apresentava um aspecto sinistro que desagradava sobremaneira. Além disso, tinha o hábito de fazer trejeitos com os lábios, o que me causava um enervamento profundo e inaplicável.

Por isso, eu apenas o consultava sobre o itinerário a seguir, limitando ao mínimo as palestras que pudesse ter com êle, e de resto, procurava mantê-lo a distância, evitando pedir-lhe explicações que lhe dessem oportunidade a intrinsecamente meter-se nos meus negócios.

Éramos os únicos brancos dessa caravana, que se completava com cerca de trinta nativos, que me ajudavam em diversos trabalhos, com uma boa vontade bastante para admirar.

Lejava também um gorila que dava pelo nome de «Horce», e que eu soubera domesticar o melhor possível, dedicando-me uma afeição que parecia sincera. Por vezes os seus actos revelavam uma inteligência, ou um instinto,



lha ao homem, tinha direito a uns momentos de atenção. E «Sir» Richard, que de perto convivera com as feras, que chegara a ser domador, dispôs-se a contar um episódio com êle sucedido e que, de algum modo, ia ao encontro do seu ponto de vista.

Todos nos acomodamos melhor nas cadeiras, alguns pararam de cigarros, talvez para dar mais sabor à narrativa que iam ouvir, e até «Sir» John, o inglês cem por cento, aceitou abandonar um pouco os seus illustres clientes, e aproximarse da nossa mesa, para melhor ouvir.

INTELIGENTE

SÁRIA

preferem assim, que me causava admiração e, em tudo que fazia, demonstrava um tacto e um cuidado que me obrigavam a retribuir, de bom grado, a estima que o bicho sentia por mim. Como eu, sentia pelo guia uma repulsa que não procurava dissimular, antes, pelo contrário, punha-a bem em evidência, pregando-lhe partidas que bastante o arriavam e das quais eu me ria, à sucapa.

Durante algum tempo, vagueei por essas terras perigosas, onde a morte parece espreitar constantemente o intruso que ousa pisar semelhante terreno.

E quando julguei a minha colecção de peles bastante completa, resolvi regressar.

Foi, então, que Henry, o guia, se mostrou, pela primeira vez, insólito e agressivo. Ao dar-lhe parte da minha resolução, discordou em absoluto e, como eu lhe observasse que quem mandava ali não era ele, permitiu-se dar-me um encontro que me fez cambalear.

Ante esta falta de respeito, eu ia dar ordens aos negros para o prenderem, quando ele, com um salto que, de certa maneira, se assemelhava ao do tigre, se lançou sobre mim. Rolamos pelo chão, num



abraço que tinha qualquer coisa de feroz.

Creio que ainda não disse que Henry era dotado duma robustez física que podia, facilmente, rivalizar com a de qualquer atleta.

Eua, naturalmente, succumbir aos golpes do adversário e já um clarão vermelho principiava o toldar-me a vista; mas, de súbito, com grande espanto, vi o guia erguer-se como se fôsse impellido por mola oculta e ficar suspenso no ar, numa posição desagradável e bastante cómica. A princípio não atinei com o fenómeno; mas, depois de sair da espécie de entorpecimento que as pancadas vibradas pelo

malandro, tinham produzido, fixei, com mais atenção, o quadro que tinha na minha frente e reconheci logo o vulto familiar de «Horace», o gorila, que, com toda a calma, mantinha Henry em respeito, segurando-o como se fôsse um simples fantoche.

Então, não me contive e, apesar-da situação, soltei uma gargalhada correndo a abraçar o meu salvador.



O guia foi algemado e o incidente ficou por ali, tomando eu as precauções necessárias para que tal cena se não repetisse.

Porém, nêsse mesmo dia, à noite, pareceu-me notar na atitude dos negros qualquer coisa que de novo me deixou intrigado. Olhavam-me de soslaio, e dir-se-ia que tinham colóquios em demasia.

Receoso de uma vingança por parte de Henry, deitei-me pouco disposto a adormecer, e tive o cuidado de me munir da minha carabina, que estava sempre pronta a responder a qualquer ataque. Começava já a aurora a romper, quando ouvi uns urros que imediatamente reconheci. Era «Horace». Saltei do leito o mais rapidamente possível, e ia precipitar-me para fóra, quando esbarrei com um grupo de negros.

Antes que eu compreendesse o que se estava passando, os nativos saltavam sobre mim e, num instante, reduziam-me à mais completa impotência. Fui arrastado e sólidamente amarrado ao tronco duma palmeira, onde fiquei sem poder esboçar o mais pequeno gesto de defesa.

Foi, então, tarde demais, que compreendi tudo. Henry por qualquer modo conseguira indispor os nativos contra mim e, tornando-se, pela força e pela astúcia, chefe da caravana, ia-se embora, deixando-me ali

(Continua na página 8)

SERAPIÃO TRAPALHÃO EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado da primeira coluna)

seu covil e, para não ficarem às postas, o elefante põe-os às costas.

Julgando-se já salvo, o nosso Serapião papalvo, rejubila de contente, sem reparar numa serpente que, zunindo como as moscas, toda se faz em rós-cas, em volta de um velho cipó, disposta a reduzi-los a pó, quando lhe chegarem á mão!...

É trágica a situação, pois, à medida que avança (o elefante não cansa e continua a caminhar!) vai fazê-los passar por debaixo da cascavel que, em atitude bem cruel mais e mais arreganha o dente, quando um feliz acidente vem resolver a questão:

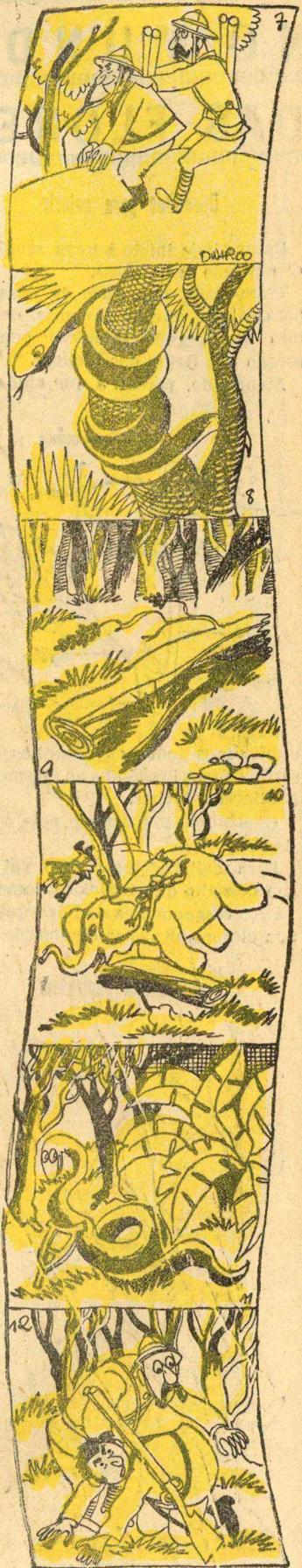
Deitado no meio do caminho, um tronco muito velhinho, mas grosso até mais não, faz tropeçar o trombudo que, com carga, cipó e tudo, se estatela no meio do chão, dando assim ocasião a que a cobra, muito assustada, se ponha a andar, coitada, muitíssimo arreliada com o seu enorme azar, que a faz ir a coxear, e sem ter conseguido que o Serapião e o amigo sofressem uma beliscadura, a-pesar-da cama dura, em que ficaram estendidos, de medo e frio tranzidos.

Mas não acabaram os perigos que perseguem os nossos amigos!...

Se tem interesse o leitor, fale nisto à sua Mãe e para a semana que vem, se ainda fôr vivo o autor, verá a continuação de Serapião Trapalhão em viagem pelo sertão.

(Fim do 2.º episódio)

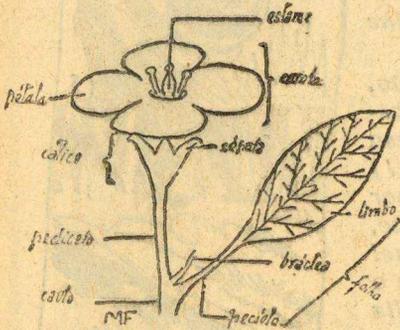
(Continua)



NO MUNDO DAS FLORES

Desenhos para colorir

Damos hoje início à nova secção: «No Mundo das Flores». Trata-se de uma série de desenhos para colorir que, certamente, despertará tão grande interesse como a secção «No Reino dos Bichos». Atendendo, porém, a que ainda não



publicámos todos os desenhos desta série, iremos inserindo, ao mesmo tempo, flores e bichos.

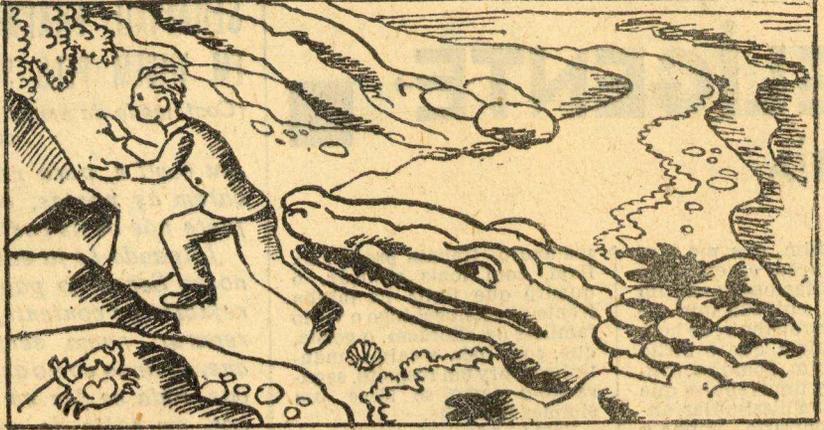
Continuem preparando, pois, os lápis de côr.

Para melhor compreensão, vai junto um desenho que indica os nomes dos vários componentes da flôr e que, pela sua clareza, dispensa explicações.

Delphinium exaltatum



Caulo verde. Corola roxa, com manchas em forma de O, verdes. Folhas e brácteas desta côr.



O PASSARINHO MISTERIOSO CORRESPONDENCIA

(Continuado da página 3)

o levaram à presença dum rei, duma rainha e duma linda princesa.

No palácio real, onde foi recebido principescamente, ia crescendo o seu deslumbramento à medida que os dias iam decorrendo.

Passado tempo, disseram-lhe que teria de passar ali os dias que lhe restavam de vida, porque a linda princesa destinára-o para marido.

A notícia agradou-lhe de princípio; mas, reconsiderando, achava extraordinário tudo aquilo. Pensava que, embora fôsse deslumbrante tudo o que o rodeava, já mais poderia esquecer a terra que lhe fôra berço, os conselhos do Pai, e os carinhos da Mãe.

Como poderia esquecer o seu projecto idealizado, duma permanência em Coimbra, até à sua formatura?! Não! Não! Não oodia habituar-se à ideia de ficar! O melhor que tinha a fazer, era fugir.

Um dia, de manhãzinha, meteu-se pela floresta, em demanda do passarinho que para ali o encaminhara. Não lhe foi difícil encontrá-lo; conheceu-o pelos trinados.

A avezinha, como se lhe adivinhasse o pensamento, foi voando, foi voando, servindo-lhe de guia, até muito distante do palácio. Ali, porém, deu-se uma notável modificação:

Na sua frente, appareceu uma montanha negra e escarpada, repositório do Oceano que bramia do lado oposto.

O passarinho desapareceu, como por encanto, deixando-o indeciso, sem saber se havia de avançar ou retroceder.

Depois de reflectir, resolveu procurar uma ascensão pouco perigosa; e, então, segurando-se às arestas dos rochedos, foi subindo sem descansar.

Depois de escalar a rocha abrupta e selvagem, appareceu-lhe um lindo horizonte, tendo por fundo a extensão flúida do Oceano, tão deserta que nem uma gaivota se via.

Se ao menos lhe apparecesse um barco salvador que o levasse dali?!

Triste, muito triste, desceu a encosta e foi sentar-se na areia dourada, que os reflexos do mar vinham beijar docemente.

Ali, sentiu-se bem. Nem se lembrava que o estômago vazio não tardaria a reclamar alimento.

Respirava com delicia a brisa iodada; o sol morno tornava-o indolente, obrigando-o a deitar-se sobre a areia; e assim adormeceu.

Quanto tempo estaria a dormir?

Nem êle o saberia dizer, tão agradável foi o seu sono.

Mas, como nesta vida nem tudo corre conforme os nossos desejos, Fernando José ouviu rastejar próximo, e, olhando, assustado, teve a desagradável surpresa de ver próximo um crocodilo. Dum salto, levantou-se e largou a correr em direcção à montanha, onde o anfibio, certamente, não subiria. Mas, — ó fatalidade! — o crocodilo corria veloz atrás dêle, com a boca aberta para o tragar.

Fernando José soltou um grito formidável e, sem forças para prosseguir naquela marcha acelerada, deixou-se cair inanimado sobre a areia da praia.

No mesmo instante, sentiu uma palmada num ombro, que o acordou.

Abrindo os olhos, viu na sua frente o Pai, em vez do crocodilo.

O pai olhava-o sem um sorriso, dizendo austero:

— Se estudasses com atenção, não te deixarias surpreender pelo sono, e não sofrerias o incômodo dum sonho tão oppressivo.

Esta reprimenda fôra dada sem razão; porque, já o disseramos, Fernando José era muito aplicado.

M. D. C. S. — No «Cestinho da Costura» encontrarás brevemente realizado o teu desejo.

A «Abelha Mestra» satisfaz sempre os pedidos razoáveis.

Flôr de Liz — Com muita pena te comunicamos não nos ser possível publicar os versos que fizeste à tua amiguinha. São de índole muito particular.

Carlos Ferreira Pinto — O desenho deveria ser feito a tinta da China. Assim não pode ser reproduzido.

Luz da Anadia — Tens muita habilidade mas não deves escrever histórias tão grandes, sendo tu tão pequenina.

Maria do Céu — Porque não obedeste ao teu impulso, tão simpático? O nosso Director teria muito gôsto de te conhecer pessoalmente.

Lota Reis — Manda, confiadamente, os trabalhinhos a que te referes. Dar-te-hei uma opinião sincera.

Maria Pombo — Muito te agradeço as referências amáveis. Publicaremos brevemente o que pedes.

José Rodrigues Sousa — Podes mandar as palavras cruzadas. Servem.

Lembranças para todos do

PALAVRAS CRUZADAS

JÔGO-ADIVINHA

HORIZONTAIS

- 1—País da Europa.
- 2—O que a galinha põe; esvasie.
- 3—Duplo.
- 4—Pronome; divisão do tempo.
- 5—No sapato...
- 6—Artigo no plural.
- 7—Faz-se de dia...; Art. no plural
- 8—Lubrificante; lado

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	P	O	R	T	U	G	A	L
2	O	V	O		V	A	S	E
3	R		D	U	A	L		V
4	T	U	A				A	R
5	O		S	A	R	A		R
6		F		C		O	S	
7	S	E	S	T	A		A	S
8	O	L	E	O		A	L	A

GUY MANUEL

VERTICAIS

- 1—Cidade de Portugal; sózinho
- 2—Amarga.
- 3—Arcos; igreja.
- 4—Voto.
- 5—Fruto.
- 6—Barco.
- 7—Artigo no plural; tempêro.
- 8—Conduzir; nome de homem.

Solução da Adivinha do número anterior

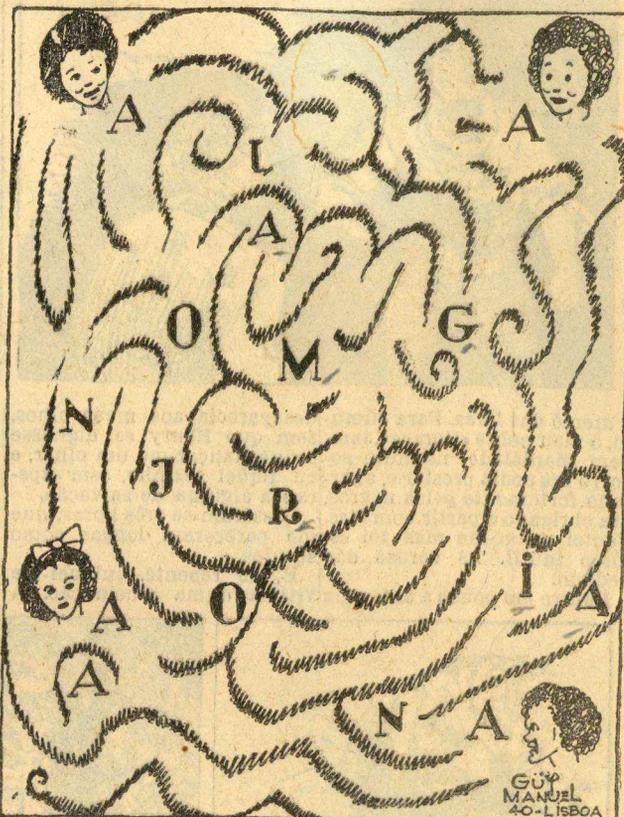
Não vai para parte nenhuma, porque o comboio eléctrico não deita fumo.

Estão aqui 17 letras. Achem o nome destas quatro raparigas obedecendo às seguintes condições:

1.º—Os caminhos não podem ser trilhados mais do que uma vez;

2.º—Os nomes terminam sempre em A, nos quatro cantos da gravura e finalmente as letras devem-se seguir na respectiva ordem porque formam os nomes... Uma indicação agora, que talvez ajude os nossos pequeninos leitores:

Um dos nomes começa por o M que está no centro.



GUY MANUEL 40-LISBOA

PASSATEMPO

Quem ora lhe piosavesste, ano a espriçora oodesspei

Nestas duas filas de letras está escrito um provérbio. Para o descobrir basta suprimir determinadas letras.

FAJOCA, PATACHOCA E CARALAROCA

(Continuado da página 2)

dai a pouco, entrada no sótão, não era menos certo que a sua

da casa. A cena a que assistiu pode, sem exagero, considerar-se patética, pois tanto o seu avô como o irmão, iam, justamente naquele momento, ser cruelmente assassinados. Pelo mesmo é o que se podia depreender da atitude dos meliantes em relação aos dois indefesos prisioneiros, que continuavam amarrados aos postes do suplício.

Da súbita entrada dos agentes da ordem, resultou, como é natural, estabelecer-se o pânico entre os meliantes, procurando cada um fugir para seu lado. Sem resultado, porém, pois a polícia tinha tomado as precauções necessárias, impedindo, assim, qualquer tentativa de fuga. Variada a situação dos bandidos não tiveram outro remédio senão renderem-se sem esboçar o menor movimento de resistência.

Momentos depois, eram conduzidos em respeito pelas armas dos polícias, conduzidos para o exterior da casa. Pelas suas

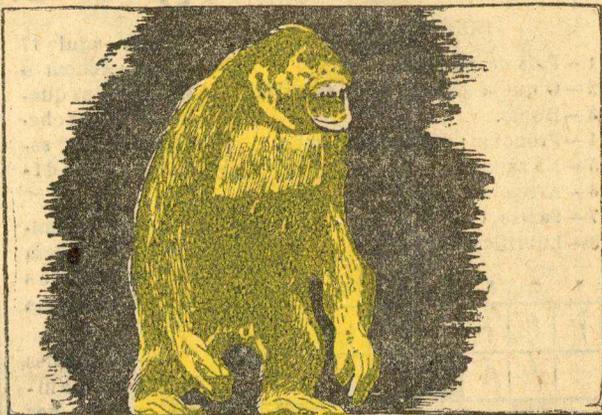
expressões, depressa se adivinhara quais os seus sentimentos: o mais profundo ódio e o despeito por se verem apanhados. Teriam agora que prestar contas à justiça pelos seus inúmeros «feitos»!

Enquanto isto sucedia, Patachoca corria célere para o seu irmão e avô que, graças à sua desobediência, lhe deviam a vida. Verdade seja que Caralaroca não gostava muito do «apuro» de que acaba de se ver livre mas não é menos verdade que, durante o trajecto para casa, onde iam festejar a sua libertação, aproveitou o ensejo para dar duas lições de moral aos seus netos. A Patachoca fez ver, com boas palavras é certo, que, se lhe tinha salvo a vida, também

não era menos certo que a sua desobediência lhe podia ter saído cara, pois poderia ter partido uma perna na queda que dera e não conseguir, da mesma maneira, salvá-los. Quanto a Fajoca, também ouviu «das boas»!... Então, aquilo era coisa que se fizesse? A sua falta de domínio de nervos ia-lhes custando a vida. Era necessário, por isso, que para a outra vez, houvesse mais cuidado com as jarras!... Mas já tudo passara; enquanto Fajoca limpava as grossas bagas de suor, que lhe perlavam a testa, Patachoca ia-o animando com boas palavras, sob o olhar atento de Caralaroca...

(Continua)

UM GORILA INTELIGENTE (Continuado da página central)



à mercê das feras. Para cúmulo, o meu pobre «Horace», também manietado, nenhum socorro me podia prestar e, agarrado fortemente pelos negros, era obrigado a partir com eles. Tentel saltar-me mas, foi esforço inútil. As cordas não cediam.

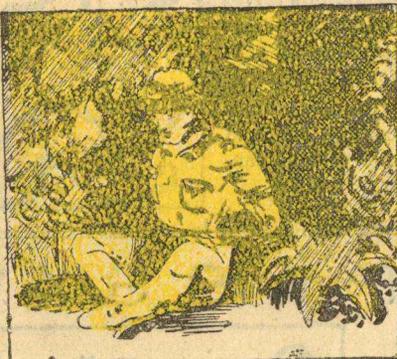
desaparecia aos meus olhos, sem que Henry se dignasse sequer lançar-me um olhar, e eu fiquei sozinho, sem esperança alguma de salvação.

Passaram-se três horas, que me pareceram longas como séculos.

E, de repente, julguei-me vítima duma alucinação. A

alguma distância, empoleirado nuns ramos, avistel «Horace» que se balouçava indolentemente, soltando uivos amigáveis. A alegria que senti não a posso descrever. Calculei que o inteligente animal conseguira fugir aos seus captores e, livre, correrá ao meu encontro.

Pouco depois, o gorila descia por uma liana, e vinha até à minha beira. Estudou, rondou e, indo para trás do tronco, começou a mexer nas cordas que me prendiam à árvore. Não sei de que processos ele se serviu; o certo é que, meia hora depois, estava livre. «Horace» libertara-me!



Então, pensei em ir na perseguição do guia e dos negros. Não sabia o que fazer, assim que os encontrasse mas, acompanhado de «Horace», julgava-me capaz de lutar contra um exército, tal era a confiança que êle me inspirava.

Foi ainda o gorila que me ensinou o caminho, pulando de ramo para ramo e soltando o seu grito gutural. Após algumas horas de fatigante marcha, encontrei, finalmente, os nativos. Estavam indecisos sobre o que haviam de fazer,

pois que o guia os abandonara, entendeu por bem pôr-se ao ar ter conhecimento da fuga fresca».

E «Sir» Richard, voltando-se para nós, concluiu:

— «O malandro conhecia a inteligência do animal e, calculando o que iria suceder,

PENSAMENTO

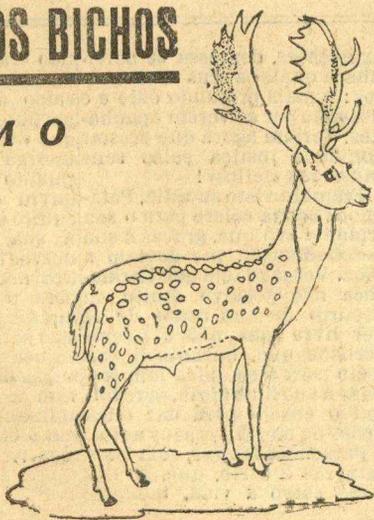
O coração contente alegre o semblante; com a tristeza da alma se abate o espírito.

NO REINO DOS BICHOS

G A M O

O Gamo é um animal da família dos veados. Oriundo das regiões do Mediterrâneo, parece que foi introduzido na Inglaterra.

Podem colorí-lo de amarelo (1) e castanho (2). O pescoço é branco e o focinho amarelado.



Solução da adivinha anterior

A maneira de, com 5 fósforos, fazer oito, sem os quebrar e sem formar o número em conta romana, consiste em dispô-los da forma como estavam na gravura que publicámos: — 7 + 1.

Iamos jurar que não tinham dado por isso.

Graça infantil

A rainha Elizabeth, de Inglaterra, disse, um dia, quando era ainda uma pequenina princesa: — «Hel-de proibir as pessoas de andarem a cavalo, ao domingo. Os pobres animais também devem descansar, uma vez por semana, como nós».